


*Gilse Maria Westin
Cosenza*

1943—2017



ELA

**EXCLUÍDOS
DA HISTÓRIA**

O grito dos excluídos: movimento estudantil, comunismo e repressão.

A atuação de Gilse Cosenza em movimentos sociais durante a ditadura militar no Brasil.

Gilse Cosenza nasceu em 1943 na cidade de Paraguaçu, Minas Gerais. Ainda jovem, viveu em Belo Horizonte, onde conheceu a Juventude Estudantil Católica e ajudou a criar um grêmio estudantil. Tempos depois, entrou na faculdade PUC-Minas e foi eleita presidente do Diretório Acadêmico de Serviço Social. Em 1966, tornou-se vice-presidente do Diretório Central dos Estudantes, assumindo decisivamente a luta contra a ditadura. No final do mandato, foi membra da Executiva Nacional de Serviço Social e seu nome constava numa lista de lideranças estudantis que deveriam ser presas de imediato.

Em 1969, foi detida em BH e transferida para uma prisão em Juiz de Fora, onde teve acesso a um advogado. Depois de ser absolvida, foi viver em São Paulo e a Ação Popular da qual fazia parte foi incorporada pelo partido PCdoB. Em meados de 1976, foi para o Ceará devido à prisão das principais lideranças da organização daquele estado. Em meados de 1990, Gilse voltou para Minas Gerais como presidente da organização comunista. Após décadas de luta política, faleceu em Belo Horizonte aos 73 anos, vítima de câncer.

Belo Horizonte, MG

Página oposta: Gilse em campanha pela anistia no Ceará, 1979. Imagem retirada do projeto da Rádio UFMG Educativa.



UMA VIDA, UM EVENTO

A vida da personagem esteve diante de um contexto social marcado pelas restrições à liberdade e à participação política, além da disseminação de ódio canalizada numa campanha violenta contra os integrantes de movimentos sociais. O discurso de criminalização em relação a estes foi fruto de um processo de convencimento ideológico incorporado pela sociedade, de modo que a classe dominante do plano político passou a dominar também o plano das ideias. Nesse cenário, a militante foi presa e torturada por ser uma liderança estudantil, o que deve provocar uma reflexão acerca do

que é pertencer a um grupo marginalizado e subalterno.

Desse modo, os projetos de construção de uma memória e identidade nacional que silenciam narrativas contrárias ao regime ditatorial, justificam o desconhecimento desta figura no contexto atual. Portanto, por ser mulher em circunstâncias misóginas, comunista em um governo anticomunista, ativista em uma sociedade conformista e ser uma agente histórica que denuncia tempos obscuros em uma realidade de esquecimento, Gilse Cosenza assume um papel protagonista frente aos tabus que circundam aqueles que anseiam por uma sociedade pautada pelo conceito de igualdade.

Legenda da imagem: Gilse militando pelo PCdoB na luta pela anistia e constituinte. Foto: revista Princípios, sem data.

Pergunta

É possível afirmar que os movimentos sociais foram fundamentais na luta pela democracia durante a ditadura? Justifique.

Resposta

Sim. Períodos em que o estado se torna autoritário, como é o caso da ditadura civil militar brasileira, a existência da democracia é mascarada por uma oligarquia política. Assim, os movimentos sociais surgem como denúncia das necessidades e reivindicação de direitos. Nesse sentido, a atuação de Gilse Cosenza se destaca na história nacional enquanto luta para a reconquista da liberdade política.

1959

Conhece a Juventude Estudantil Católica, parte da Ação Popular.

1964

Eleita presidente do Diretório Acadêmico de Serviço Social da PUC-MG.

1966

Eleita vice-presidente do Diretório Central dos Estudantes em BH.

1969

Presa e torturada após ser identificada por policiais.

1984

Assume a presidência do partido PCdoB no Ceará, militando pela anistia.

1990

Retorna a Minas Gerais, assumindo a presidência do PCdoB em BH.



Projeto criado pela equipe "Conhece-te a ti mesmo", de Betim, MG

Membros: Gabriel Henrique Lara Paschoalin Dias, Milena Dias da Silva e Samuel Saurino Condé, com orientação de Lucas Carvalho Soares de Aguiar Pereira.